

**SOUSA GALITO, Maria (2010). WikiLeaks. *CI-CPRI*, AO, N°7, 8 de Dezembro, pp. 1-16.**

**AO: Artigo de Opinião**



## **WikiLeaks**

### **I. Pressupostos Base**

Os meios de comunicação ainda centram a sua atenção no maior escândalo diplomático dos últimos tempos, único no género. Porquê? Primeiro, porque são documentos diplomáticos de uma grande potência mundial (a superpotência do pós guerra Fria, já não é depois de 2001?)

Segundo, pelo número de textos divulgados, parte significativa dos quais considerados secretos, e que em geral nunca deveriam ter sido lidos pelo grande público nacional (quanto menos o internacional!).

Terceiro, porque foi uma fuga de informação com ramificações à escala global. Um dos efeitos da globalização, neste caso, impulsionado pela Internet.

O que aconteceu? O *site WikiLeaks*, está a divulgar desde o mês de Novembro, documentos de um arquivo total de 250 000 documentos diplomáticos, entre os quais despachos e telegramas, classificados de *secretos*, *confidenciais* e *não classificados*, destinados a circular nas redes informáticas internas do Departamento de Estado dos EUA e/ou das suas embaixadas.

A situação tem causado um imenso embaraço diplomático aos agentes de carreira dos EUA, provocou reacções de líderes internacionais e tem agitado a própria dinâmica no xadrez internacional. A efervescência é tal que parece ser tudo verdade e, por isso, merece a atenção da opinião pública que aproveita a oportunidade para ficar mais esclarecida sobre os bastidores da política internacional.

Mas neste contexto, como em todos, a prudência é uma boa aliada. É importante ponderar alguns tópicos.

Primeiro, os documentos divulgados pelo Wikileaks são verdadeiros? Se partirmos do suposto que são, como foram obtidos? As fontes são humanas ou materiais? O Wikileaks entrou directa ou indirectamente nas plataformas informáticas das embaixadas? Há intermediários? Os responsáveis pela fuga de informação são pessoas ou falhas nos sistemas informáticos?

Segundo, podem já estar a circular documentos falsos entre os verdadeiros, motivados por interesses individuais ou colectivos de contra-informação. Como separar o trigo do joio?

Terceiro, há muitos sites aliados do Wikileaks a divulgar documentação. Mas a falta de controlo pode pôr risco a própria fidelidade à fonte. O que nos remete para a interrogação anterior.

Quarto, os despachos reflectem uma interpretação da realidade de determinado agente diplomático. Por um lado, podem não traduzir a oposição oficial de um governante sobre os seus pares. Por outro lado, desconhecem-se as reais motivações para o facto *de ter sido escrito, porquê e a quem verdadeiramente se destinava*.

Posto isto, os documentos revelaram algo de novo? No mundo inteiro há muitos agentes individuais ou colectivos perplexos com as denúncias. Mas os diplomatas e especialistas em relações internacionais, em geral, conheciam os conteúdos revelados, nem que fosse por rumores.

No que concerne às reacções dos líderes internacionais, são o espelho dos respectivos interesses no xadrez geopolítico. Reis e Príncipes, Presidentes da República, Primeiros-Ministros e Ministros precisam ser pragmáticos quando reina a desordem (não quer dizer necessariamente que o sejam). Não lhes interessa perder posições estratégicas e reagem em conformidade com o que lhes parece ser o *mal menor* (não perder aliados regionais, fingir que o documentos não tem importância; relativizar a situação pode ser uma boa opção) ou um *ganho líquido* (ao aproveitar a vulnerabilidade de certos líderes para lhes fazer xequemate).

## II. Julian Assange e o seu WikiLeaks

O australiano Julian Assange (actualmente com 39 anos) criou com mais dez pessoas, em Julho de 2007, um site intitulado WikiLeaks, com o objectivo de publicar textos e vídeos de diferentes governos, que não fossem do domínio público.

Mas qual era a intenção subjacente à prática de entrar ilegalmente em plataformas informáticas encriptadas e de publicar segredos considerados invioláveis? projecção internacional? Lucro fácil? A ideia era propor uma forma alternativa (e agressiva) de jornalismo de investigação? O objectivo era humilhar governos, sobretudo a Casa Branca (EUA)? Era informar a opinião pública?

Supostamente, Julian Assange guia-se por *princípios*, mas sobre a sua vida pouco ou nada se sabe, está envolta num mistério.

O WikiLeaks explica que é financiado por doações anónimas, que servem para pagamento de honorários e para adquirir servidores que mantenham o funcionamento do sistema. Garante que não solicita documentos, recebe-os das suas fontes. As mensagens recebidas estão encriptadas com tecnologia de ponta, preservando assim a identidade das fontes. Uma equipa de jornalistas verifica a veracidade das histórias antes de as divulgar. A distribuição é feita directamente pelo site e por operadoras aliadas.

O WikiLeaks ficou mundialmente conhecido em Novembro deste ano, mas a sua actividade já era intensa desde 2007.

Em 2010, publicou um vídeo confidencial, realizado a partir de um helicóptero dos EUA, sobre um ataque em Bagdade que vitimou mortalmente dois funcionários da agência de notícias Reuters e outros civis. Depois, distribuiu 77 mil arquivos de inteligência dos EUA sobre a guerra do Afeganistão. Mais tarde, divulgou 400 mil arquivos sobre ataques, detenções e interrogatórios no Iraque.

Em Novembro, fez-se propaganda á difusão de 251.288 documentos enviados por 274 embaixadas. Entre os quais, 145.451 referem-se à política externa, 122.896 relacionam-se com assuntos internos dos governos, 55.211 reportam-se à esfera dos direitos humanos, 49.044 analisam o contexto da crise económica, 28.801 abordam a questão do terrorismo e 6.532 centram-se em temas do Conselho de Segurança da ONU.

Diferentes publicações internacionais colaboraram no processo de divulgação, entre as quais: o *The New York Times* dos EUA, o *Guardian* do Reino Unido, o *Der Spiegel* da Alemanha, o *Le Monde* de França e o *El País* de Espanha.

O australiano Julian Assange cometeu claramente actos ilegais. Já me perguntei se a informação divulgada será toda verdadeira, mas partindo do suposto que sim, até prova em contrário, o facto é que os textos estão a ser disponibilizados há já alguns dias em diferentes meios de comunicação e parece ser do interesse máximo da opinião pública conhecer e compreender o conteúdo dos telegramas e despachos diplomáticos que estão a fazer manchetes dos jornais.

### III. Líderes Mundiais – Perspectiva dos Diplomatas dos EUA

Comecemos pela parte mais jocosa. Neste caso, sobre o que os diplomatas americanos escreveram sobre alguns dos mais carismáticos líderes mundiais actuais.

No **Afeganistão**, o Presidente Hamid Karzai é descrito como *um homem muito fraco que não liga aos factos, é facilmente influenciado por quem lhe vier comunicar as histórias mais bizarras que falem de conspirações contra ele*.

No **Brasil**, ex-embaixador americano Clifford Sobel caracteriza, a 11 de Fevereiro de 2009, as então quatro figuras-chave no país, afirmando que a divisão entre eles foi responsável por uma *política externa desarticulada, que "pode levar à frustração por parte de diplomatas brasileiros*. Para Sobel, o Ministro das Relações Externas Celso Amorim é um *nacionalista*. O então secretário-geral da pasta, Samuel Pinheiro Guimarães, é um *antiamericano*. O assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, Marco Aurélio Garcia é um *académico esquerdista*. Sobel destaca o *pragmatismo* de Inácio Lula da Silva, a sua boa relação com líderes mundiais *que tem ajudado a aumentar a influência do Brasil no mundo*. Que Lula abriu caminho para mais cooperação do Brasil com atores globais, inclusive com os EUA.

Kim Jong-il, líder da **Coreia do Norte**, é descrito como *um tipo flácido, com traumas físicos e psicológicos*, em resultado da trombose que sofreu recentemente.

Em **Espanha**, num relatório de Janeiro de 2009, divulgado pelo WikiLeaks e pelo El País, o embaixador dos EUA Eduardo Aguirre descreve o Primeiro-Ministro espanhol José Luis Zapatero como *um político astuto com uma assombrosa habilidade – um felino na selva – para detectar as oportunidades ou o perigo*. No entender do embaixador, *é perigoso desvalorizar Zapatero tal como muitos dos seus inimigos puderam comprovar tarde demais*. O Primeiro-Ministro dirige-se *mais ao galinheiro do que à primeira fila*, e luta continuamente pelo apoio de *um ou dois milhões de votantes indecisos ou abstencionistas*.

Eduardo Aguirre opina que *não há tema em que Zapatero sacrifique o seu ponto de vista*, sendo que *põe sempre todas as opções na mesa para conseguir os seus objectivos políticos a curto prazo*. Por outro lado, *está bem preparado nos temas fundamentais, gosta do diálogo e de trocar ideias, mas leva a mal que lhe dêem lições*, aliás, *corta a conversa quando percebe que isso está a acontecer*. Zapatero *enfrentou um tortuoso aprendizado da política externa* e que a embaixada americana o considera um político que *subordina a política externa aos interesses internos*.

**Ainda em Espanha**, agora sobre o Rei D. Juan Carlos, o embaixador dos EUA Eduardo Aguirre explica que *nos casos em que os interesses de Espanha e EUA coincidem, o Rei pode ser um formidável aliado*. Afinal, *nas reuniões o Rei tentará cativar os seus interlocutores baixando o nível de formalidade e protocolo para fazê-los sentir-se confortáveis e segurar as rédeas da conversa*, sendo que o melhor *é pôr-se à altura da sua jovialidade e piadas*, mas também *não se sentir intimidado pela sua aura*. *Se lhe respondes com jovialidade e algum jogo de palavras, ganhas o seu respeito*.

Em **França**, os agentes da embaixada de Paris, referiam-se ao *estilo pessoal autoritário e muito sensível* do Presidente Nicholas Sarkozy, da sua tendência para criticar a acção do Primeiro-Ministro François Fillon e dos membros do seu próprio gabinete.

Em **Israel**, o Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu, é considerado um homem *elegante e encantador*, mas que *nunca mantém as promessas*, com base num telegrama proveniente do Cairo (capital do Egipto).

Em **Itália**, Elizabeth Dibble, a encarregada de negócios dos EUA em Roma, descreve o Primeiro-Ministro Silvio Berlusconi como *irresponsável, vaidoso e ineficaz como um líder europeu moderno*. Noutro relatório, escreve-se que Berlusconi é um *líder física e politicamente fraco*, cujas *noitadas frequentes e gosto pelas festas fazem com que não descanse o suficiente*.

Entretanto, nos documentos divulgados pelo WikiLeaks, o ministro de Defesa dos Emirados Árabes Unidos chama *Hitler* ao Presidente do **Irão** Mahmoud Ahmadinejad. Diferentes líderes árabes declaram o Irão como *a cobra, o mal, ou o polvo cujos tentáculos precisam ser cortados*.

Na **Nicarágua**, um documento mais recente, datado de 25/02/2010 e assinado pelo actual embaixador dos EUA em Manágua, Robert J. Callahan, mostra-se céptico quanto às tentativas de aproximação do casal presidencial da Nicarágua, explica que *reina um clima de terror no Governo* e que Daniel Ortega teme pela sua segurança: *o presidente está completamente louco, converteu-se numa ameaça para o país, acredita que até as freiras velhas rezam pelo seu assassinato*.

Na **Rússia**, os documentos comparam os dois protagonistas a personagens de banda desenhada. A relação entre o Presidente Dmitri Medvedev e o Primeiro-Ministro Vladimir Putin é descrita como Batman (Putin) e Robin (Medvedev), o seu fiel ajudante. Vladimir Putin é considerado arrogante, insolente e descarado. E, ao que parece, Medvedev não toma *nenhuma decisão importante sem perguntar a Putin*.

A correspondência publicada pelo Wikileaks afirma que, na **Venezuela**, o Presidente Hugo Chávez está *louco* e a transformar o seu país *noutro Zimbabué*. Num dos textos publicados pelo jornal *Le Monde*, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, afirma que Hugo Chávez *late mais do que morde*, e que *isolá-lo não é uma opção*. Em contrapartida, num telegrama de 2008 do ministro da Defesa do Brasil, Nelson Jobim admite que a Venezuela é uma *nova ameaça à estabilidade regional*, pois Hugo Chávez possui *carácter imprevisível* e o Governo *considera plausível uma incursão militar de Chávez num país vizinho*. Para o evitar, tinha sido criado *um conselho de defesa sul-americano para enquadrar a Venezuela e outros países da região numa organização comum que o Brasil pudesse controlar*.

Estas são algumas das caracterizações que os diplomatas americanos atribuíram aos líderes mundiais. Serão acertadas ou exageros de agentes mais ou menos extensivos na utilização de adjectivos?

Por um lado, os líderes nacionais gostam de ser populares e de serem reeleitos, logo, esforçam-se por projectar pelas televisões uma imagem idealizada, que nem sempre corresponde à sua personalidade. Honra seja feita, até o mais simpático dos chefes de Estado tem direito a um dia mau.

A correspondência diplomática, justa ou não, visa outros propósitos. Entre os quais compreender a verdadeira natureza do líder estrangeiro para depois ser mais fácil manipulá-lo ou compreender os seus propósitos à mesa das negociações. A este nível joga-se o xadrez internacional.

#### **IV. Portugal**

Sobre Portugal, até agora apenas um tema que pouco surpreende. Um telegrama da Embaixada dos EUA em Lisboa, datado de 19 de Outubro de 2006, publicado pelo Wikileaks confirma que houve contactos entre Lisboa e Washington D.C. (durante a Administração de George W. Bush) para assegurar a passagem por território português de prisioneiros de Guantanamo. Terá havido um pedido dos EUA ao Governo português para *repatriar presos de Guantanamo através das Lajes* (Base militar dos Açores). O telegrama testemunha que pelo menos a consulta existiu.

Entretanto, a embaixada dos EUA reconhece que o MNE português, Luís Amado, estava numa posição de *delicado equilíbrio* entre *minimizar danos para o seu Governo* resultantes das críticas dos meios de comunicação e da oposição, e *convencê-lo* a dar uma resposta positiva aos pedidos americanos. Tanto que o Governo português exigia garantias escritas de que os presos transportados através de território português não seriam torturados nem condenados à morte no país de destino.

## V. Lusofonia

**Cabo Verde** consta da lista de oito países da região ocidental de África (para além do Chade, Mauritânia, Níger, Burkina-Faso, Gâmbia, Senegal e Mali) onde os EUA lançaram uma abrangente operação de observação pormenorizada. A investida norte-americana data da administração de George W. Bush, mas Cabo Verde *está sob vigilância apertada* há pelo menos um ano.

Com base no jornal cabo-verdiano, a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, exigiu num documento datado de 16 de abril de 2009, já durante a Administração de Barack Obama, que: *Os relatórios devem incluir, tanto quanto possível, informações sobre pessoas com ligações à região oeste-africana, organismos, cargos, nomes, posições e negócios, números de telefone, telemóvel e fax, lista de contactos de e-mail, cartões de crédito, viagens, horários de trabalho e outras informações adicionais.*

A missiva velava pela recolha de informação relativa a grupos terroristas, planos contra os EUA ou políticas de contenção do fundamentalismo islâmico; e pela averiguação do funcionamento das Forças Armadas e de Segurança locais, para avaliar o grau de disponibilidade de cooperação com os EUA, a capacidade dessas forças para integrarem forças de manutenção de paz e se havia condições para, em caso de crise, os EUA instalarem uma base militar no arquipélago.

Washington exigia informações sobre a percepção que os cabo-verdianos tinham do *Millenium Challenge Account (MCA)* e propunha sondar o Governo e cada dirigente sobre o apoio de Cabo Verde aos EUA em fóruns internacionais. *Portanto, a eventualidade de uma contrapartida política ou diplomática não é de todo posta de lado face aos 110 milhões de dólares já disponibilizados a Cabo Verde. Tanto mais que, após o primeiro compacto, está já na forja um segundo compacto em montantes ainda por definir.*

Num dos telegramas, a Casa Branca inquiria sobre as migrações e os indicadores potenciais de instalação de campos de refugiados no arquipélago, atendendo ao fluxo migratório entre os países da sub-região africana.

A ordem de serviço de Washington terminava sobre o sistema de telecomunicações existente em Cabo Verde, sobre as suas qualidades e vulnerabilidades, frequências de rádio, sistema de emissão de passaportes e credenciais do governo e a agenda de contactos dos principais líderes civis e militares.

**Moçambique e a Guiné-Bissau** são, entretanto, considerados dois narco-Estados, com altas patentes envolvidas ou coniventes com o processo. A situação em Moçambique não é tão extrema, mas aparentemente está a caminhar para o buraco em que a Guiné-Bissau já está metida.

Em geral, nada de novo sobre a situação insustentável em que, infelizmente, a Guiné-Bissau se encontra. Sobre Cabo Verde e Moçambique poderá surpreender um pouco o grau de preocupação/supervisão dos EUA nestes dois países, não obstante a evidente posição geoestratégica que o primeiro ocupa (há séculos) no triângulo América/Europa/África. E enfim, o segundo posiciona-se na fronteira com a África do Sul e o Zimbabué, e é passagem *obrigatória* na relação África/Índico.

## VI. Europa

**França.** Segundo mensagens diplomáticas americanas obtidas pelo site WikiLeaks e publicadas no jornal *Le Monde*, o actual Presidente francês, Nicolas Sarkozy é descrito como *o presidente francês mais pró-americano*. Antes de ser eleito, teria ponderado o envio de uma *força internacional* para o Iraque: *Sarkozy declarou que França e a comunidade internacional teriam que ajudar os Estados Unidos a resolver a situação no Iraque. Talvez substituindo o exército americano por uma força internacional*. É de recordar que a França em 2003 era hostil à invasão do Iraque. Sarkozy discordava da oposição contrária do então Presidente francês Jacques Chirac.

**Itália e Rússia.** Com base na informação difundida pelo WikiLeaks, em Novembro de 2008, o embaixador dos EUA em Itália, enviou uma mensagem à então Secretária de Estado dos EUA Condoleezza Rice, com vista a prepará-la para um encontro com o Primeiro-Ministro italiano.

Nas palavras do embaixador: *a estreita relação pessoal (e, alguns suspeitam, financeira) de Berlusconi com Putin levou-o a defender sem questionar qualquer iniciativa do Kremlin. A política italiana em relação à Rússia é o seu brinquedo, que ele conduz com o objectivo de ganhar a confiança e o favorecimento dos seus interlocutores russos. Berlusconi consistentemente rejeita o conselho estratégico do cada vez mais irrelevante Ministério de Relações Exteriores a favor dos seus companheiros de negócios, muitos dos quais estão profundamente imersos na estratégia da Rússia para a energia na Europa.*

Líderes como Berlusconi teriam tido uma vida fácil durante o Império Romano ou na Itália Renascentista. Mas Sílvio foi eleito chefe de Governo de um país democrático, de um Estado de Direito, em plena *Sociedade de Informação*, pelo que tudo o que Berlusconi faz é julgado em praça pública, ou seja, escrutinado pelos meios de comunicação e, subsequentemente, pela população italiana. No séc. XXI as complacências do eleitorado são menores que as dos súbditos de períodos históricos precedentes. Para além do que a Itália é Estado-membro da União Europeia e as exigências são elevadas.

Putin dispõe de outra margem de manobra na Rússia. Mas o país que governa não está fechado ao exterior. Putin precisa de negociar com grandes líderes internacionais e de saber escolher apuradamente os seus aliados, para que a sua credibilidade internacional não padeça quando esses aliados forem substituídos pelo eleitorado.

Outra margem de manobra porquê? Documentos secretos, agora publicados, do Departamento de Estado norte-americano e assinados por um juiz espanhol, José Grinda, classificam a *Rússia como um Estado mafioso*. José Grinda descreve práticas de subornos e protecção de grupos de interesse no governo russo, pelo que conclui que *há muito poucas diferenças entre o governo e o crime organizado*. Segundo avança o *The Guardian*, os subornos ascendem a 300 mil milhões de dólares anuais.

**Polónia.** Os últimos textos difundidos pelo WikiLeaks revelam que Varsóvia (capital da Polónia) pediu aos EUA mísseis e aviões para se proteger da Rússia. O que espelha o grau de inquietação de Varsóvia perante a actual política externa do Kremlin. A Polónia continua a considerar a Rússia a sua principal ameaça (e não o Irão).

O Governo polaco pediu uma actualização permanente sobre o ambiente das relações EUA/Rússia. Porquê? Em Fevereiro de 2010, o Ministro de Assuntos Externos da Polónia, Radoslaw Sikorski, revelava-se preocupado perante a possibilidade dos EUA *permitirem concessões à custa de Varsóvia*, com vista a conquistar apoio da Rússia no *Conselho de Segurança da ONU* – uma posição geopolítica de ajuste, perante a crescente hostilidade da China.

Putin desconsiderou o incidente. Há um ano que a aproximação Rússia/Polónia é uma evidência pública. Se possível, nada irá pô-la em causa, depois do esforço diplomático impulsionado pelo próprio Putin em Agosto de 2009, quando publicou um artigo no jornal polaco *Gazeta Wyborcza*, no qual considerou *um erro o pacto Ribbentrop-Molotov*.

O pacto fora firmado em Agosto de 1939, entre Hitler e Estaline, através dos seus plenipotenciários Ribbentrop e Molotov, com vista à partilha da Polónia, em que a parte ocidental ficaria para os nazis e a oriental para a URSS. Este pacto antecedeu o célebre *Massacre de Katyn*, de 1940, em que morreram cerca de 20 mil intelectuais polacos às mãos do exército russo, por ordem de Estaline.

O ponto forte da mensagem de Putin em 2009 era a vontade de *virar a página* nas desavenças, para que diferentes leituras da História *não envenenassem as relações entre Moscovo e Varsóvia* e as libertassem da herança de mútua desconfiança e parcialidade.

Lech Kaczynski, então Presidente da Polónia, morreu dia 10 Abril 2010 num desastre de avião, quando se deslocava precisamente a Katyn, por ocasião de uma cerimónia para lembrar os setenta anos sobre o massacre. O primeiro-ministro russo, Vladimir Putin encarregou-se pessoalmente da comissão de inquérito que supervisionou as investigações do lado russo e, já há meses, que a sua popularidade aumentou consideravelmente entre os polacos.

Este facto marcou a diferença. Enquanto Lech Kaczynski havia sido Presidente, as relações Polónia/Rússia se mantinham muito tensas. A morte de Lech Kaczynski foi um acidente, muito útil para Putin porque o soube aproveitar com mestria.

## VII. China

Textos revelados pelo WikiLeaks e publicados pelo site do jornal *New York Times* dão a entender que a China fecha os olhos à proliferação nuclear procedente da Coreia do Norte e que os diplomatas americanos em Pequim acusam altos funcionários chineses pelos ataques virtuais ao Google.

Um dos documentos é datado de 19 de Maio de 2009, meses antes do início do ataque virtual ao Google que ficou conhecido como *operação Aurora* (apadrinhado pelo Governo chinês) e cujo objectivo era penetrar na rede do Google (especialmente do Gmail) para roubar informações sobre activistas de direitos humanos a actuar na China.

Levando em consideração os textos divulgados pelo WikiLeaks, Changchun, Zhou Yongkan esteve envolvido nos ataques, pois solicitou a empresas de telecomunicações chinesas que parassem imediatamente de trabalhar com a companhia Google.



Um telegrama publicado pelo WikiLeaks detalha a conversa durante um almoço entre o anterior primeiro-ministro australiano Kevin Rudd e a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, em Março de 2009, em Washington D.C. Segundo consta, Rudd explicava que os líderes chineses eram *paranóicos* sobre Taiwan e o Tibete. Contrariamente à sua postura pública, os líderes chineses comportavam-se de forma *irracional e profundamente emocional* em relação a Taiwan e que a dureza da repressão no Tibete visava ser uma mensagem clara para outras minorias étnicas.

Por outro lado, que se tinham como objetivo estabelecer uma nova comunidade Ásia-Pacífico, deveriam conter o avanço de Pequim e estar disponíveis para empregar a força contra a China se algum dia *tudo saísse mal*. O propósito era igualmente levar a cabo uma política que *integrasse efetivamente a China na comunidade internacional e lhe permitisse demonstrar uma maior responsabilidade*.

Com base nos textos publicados, os EUA estão interessados em que a China *eleve o seu nível de vida e avance para a Democracia a um ritmo que os seus líderes possam aceitar*; que tome uma maior responsabilidade na esfera económica mundial e construa uma maior estrutura de protecção social para sua população. No entanto, Hillary admitiu que a China cada vez tem maior influência económica. Sendo assim, perguntava ela, *"como ser duro com o seu banqueiro?"*

Ou seja, os EUA foram a superpotência do período Pós Guerra Fria (durante a Guerra Fria partilharam o poder supremo com a Ex-URSS) e encaram a sucessão com desconfiança e tristeza. A China ainda não é uma superpotência, em parte porque é cautelosa em todas as suas decisões fora da sua área de influência (a Ásia). Os seus líderes nem sempre são tão pragmáticos e frios como parecem e podem perder o controlo sobre si próprios.

Mas se a China aguentar a pressão interna (que sempre foi o seu maior desafio e a sua prioridade estratégica) poderá concluir esse destino. Nem todos os autores acreditam nesta possibilidade mas os acontecimentos dos últimos anos parecem desmenti-los.

Neste momento, muitos dos países europeus (incluindo a França e o Reino Unido) estão sob a sua alçada financeira e os EUA perderam a margem de manobra que a compra de parte substancial da sua dívida externa implicou.

## VIII. América Latina

**Brasil.** Em dez telegramas que tratam do assunto, datados de 8 de Dezembro de 2005 a 11 de Dezembro de 2009, a embaixada americana manifesta evidente preocupação com a grau de criminalidade no Brasil. O Wikileaks e o jornal brasileiro *O Globo* publicaram documentos de 30 de Setembro de 2009, em que o cônsul dos EUA explica que: *o programa de pacificação de favelas compartilha de algumas características da doutrina e estratégia americana de contra-insurgência no Afeganistão e no Iraque. O sucesso do programa, dependerá, em última análise, não só de uma efectiva e bem sustentada coordenação entre a polícia e os governos municipal e estadual, mas também da percepção dos moradores da favela sobre a legitimidade do Estado*".

Para Hearne, o programa de pacificação é uma *reminiscência de limpar, manter e construir*, semelhante à doutrina americana de contra-insurgência. Hearne, que elogia as operações policiais, destaca que *a posterior entrega de serviços básicos e programas de assistência social teria sido irregular*.

Em reunião com o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame Beltrame, o cônsul ficou a saber que *estamos em guerra. Vocês não podem imaginar o que a negligência do governo com as favelas fez com esta cidade. É a falência do poder público. O âmbito de uma operação no Complexo de Alemão seria grande e a escala de violência potencial 'traumática'; para quem a favela está totalmente fora da autoridade do Estado e é o epicentro da luta*.

Noutro documento, Hearne descreve a reunião que teve com um integrante do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que lhe contou sobre a adoção de medidas comuns às zonas de guerra: usar carros bem identificados, tentar estabelecer áreas seguras para tratar os feridos e entregar suprimentos à população isolada pelo confronto.

Ainda sobre o Brasil e com base nos documentos publicados pelos WikiLeaks, os diplomatas americanos afirmam que São Paulo é o principal foco do combate ao terrorismo no país, deixando a Tríplice Fronteira em segundo plano. Suspeição de ligação com extremistas do Hezbollah no Sudeste brasileiro.

Terão estas divulgações alguma repercussão no xadrez da América Latina? É sabido que o Brasil tentar afirmar-se na região e que, nesse sentido, lhe interessa controlar as actividades menos lícitas dos seus pares e de alimentar parcerias internacionais, também como forma de se afirmar à escala global.

Todavia, o Brasil é quase um continente e a sua ampla geografia tem sido a desculpa fácil para o descontrolo sobre o narcotráfico e o crime organizado, os quais o tornam vulnerável às redes de tráfico de armas e de terrorismo, para além da prostituição e tráfico de órgãos humanos, ao ponto de assustar a opinião pública europeia e norte-americana.

Ou seja, um Brasil geopolítico precisa continuar a conquistar credibilidade internacional. Para o conseguir tem absolutamente de transmitir para o exterior uma imagem de tranquilidade tropical (até para efeitos de turismo e de organização de campeonatos e cimeiras) que em nada coaduna com o ambiente de guerrilha urbana em que actualmente vivem as suas favelas (e as suas cidades).

**Nicarágua.** O WikiLeaks enviou para o jornal espanhol *El País*, o conteúdo de um telegrama assinado pelo ex-embaixador americano em Manágua, Paul Trivelli, em que se afirma que o Presidente da Nicarágua Daniel Ortega e os sandinistas arrecadam regularmente fundos de traficantes internacionais de drogas, e que utilizam esse capital para financiar campanhas eleitorais da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), o partido do poder.

A fonte explica que o traficante colombiano Pablo Escobar ordenou o assassinato do ministro colombiano da Justiça, mas que o Presidente Daniel Ortega (no ano de 1984, durante o seu primeiro mandato) negociou um acordo com o referido traficante, em que lhe conferiu refúgio prolongado na Nicarágua em troca de *elevadas somas em dinheiro vivo*.

Os aviões de Pablo Escobar usavam a Nicarágua para transportar cocaína para os EUA. O então ministro do Interior Tomás Borge e outros funcionários do Ministério, teriam ajudado a carregar e descarregar os aviões. Haveria até uma reportagem filmada da Agência Anti-Drogas dos EUA (DEA), a prová-lo. Mas não teria sido caso único. Segundo a fonte, Daniel Ortega ordenava regularmente aos sandinistas para libertassem traficantes capturados pelos militares e polícias

Por outro lado, altos funcionários do governo da Nicarágua recebiam *maletas cheias de dinheiro* nas suas viagens a Caracas (capital da Venezuela), entregues por indicação do próprio presidente Hugo Chávez.

Ao que parece, o Presidente Daniel Ortega utilizava dinheiro do petróleo venezuelano para financiar os *Conselhos do Poder Cidadão* e as campanhas das eleições municipais do FSLN. Teria demonstrado abertamente simpatia pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Em 2008, dispunha de 500 milhões de dólares. Entretanto, o Presidente Ortega teria fortalecido as suas relações igualmente com o Irão.

**México.** Documentos de Outubro de 2009 reproduzidos pelo WikiLeaks e pelo jornal espanhol El País, revelaram que a embaixada informou sobre uma reunião do então *Director Nacional de Inteligência dos EUA* Dennis Blair e o Presidente mexicano Felipe Calderón, no qual este enfatizou *que Hugo Chávez está activo em toda parte, incluindo no México*. Neste processo, *o Brasil é vital para conter Chávez*, disse Calderón, lamentando que o presidente Lula da Silva tenha sido reticente em fazê-lo, pelo que *os EUA precisam comprometer mais o Brasil e influenciar sua perspectiva*.

Por outro lado, os documentos revelam que o Governo mexicano perdeu o controlo sobre o crime organizado em diferentes zonas do país e que costuma pedir ajuda aos EUA para combater o narcotráfico. Em Outubro de 2009, um diplomata contava ter ouvido de um subsecretário de governo mexicano que: *Temos 18 meses e, se não conseguirmos um sucesso tangível que seja reconhecido por todos os mexicanos, será difícil aguentar o confronto no próximo governo*.

Sobre a **Argentina** e o governo Kirchner, uma mensagem enviada em 01 de Dezembro de 2009 e divulgada pelo WikiLeaks, explicava que havia *uma quase completa ausência de aplicação da lei, complementada com uma cultura de impunidade e corrupção, que torna a Argentina propícia para o seu aproveitamento por traficantes de droga e células de terroristas*.

Segundo a fonte, não havia vontade política para fazer mudanças num país onde parte substancial da economia era informal para fugir aos impostos: *Não esperem que o governo argentino faça alguma coisa quanto a isto – muito menos a presidente Fernández e o seu marido, o ex-presidente Nestor Kirchner, falecido em Outubro, cuja riqueza subiu muito durante os seus anos na Presidência*. Por outro lado, os investigadores argentinos recusavam responder a pedidos de informação da Suíça, do Liechtenstein e do Luxemburgo sobre transacções suspeitas que alegadamente envolveriam os próprios Kirchner.

*É provavelmente irrealista esperar que o governo da Argentina canalize recursos para os procuradores ou faça um esforço concertado para perseguir os lavadores de*

*dinheiro. Os Kirchners e o seu círculo simplesmente têm muito a ganhar com a continuação do laxismo na aplicação da lei*, assinala o documento.

Segundo as mensagens, o Irão admitia a possibilidade desde 2006, de obter urânio em diferentes países da América Latina, em particular na Venezuela e na Bolívia.

**Bolívia.** Documentos divulgados pelo WikiLeaks revelam que Morales teve um tumor no nariz, que Washington pediu ajuda à presidente argentina, Cristina Fernández de Kirchner, para moderar o presidente boliviano, e que a Venezuela "comprou" comandantes militares do país. Todas estas informações foram rejeitadas pelo Presidente Boliviano Evo Morales e pelo Governo de La Paz.

**Cuba.** Correspondência de Fevereiro de 2009 filtrada pelo site WikiLeaks e tornada pública pelo jornal americano *Miami Herald*, afirma que Cuba permite a presença no seu território de membros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e do grupo separatista basco ETA em seu território, onde recebem tratamento médico e abrigo, Cuba é um dos países que o governo americano considera patrocinadores do terrorismo.

Resumindo, toda esta informação pode parecer surpreendente mas, infelizmente, era alvo de escrutínio dos meios de comunicação há já alguns anos e, algumas destas questões, poderiam ser analisadas ou depreendidas com base nas notícias e crónicas de alguns jornais e canais televisivos mais corajosos.

Mas uma coisa é a imprensa escrita abordar a questão com base em fontes anónimas, outra coisa é ler o referido conteúdo em despachos e telegramas oficiais da embaixada dos EUA.

## IX. Médio Oriente

O Jornal espanhol *El País* e o WikiLeaks publicaram documentos que confirmam o programa de mísseis da Coreia do Norte. Supostamente, as origens deste programa chegam até ao Irão e à Síria, os quais, por sua vez, abastecem o Hezbollah no Líbano, o Hamas na Faixa de Gaza, e grupos armados xiitas no Iraque.

Num dos textos lê-se que: isto é *um retrato pavoroso do tráfico de todo tipo de armamento*, e da luta dos EUA e de Israel contra seus inimigos, o que inclui pressões diplomáticas, interceptação de barcos e bombardeios aéreos.

**Israel.** Uma mensagem da embaixada dos EUA em Tel Aviv, em Fevereiro de 2009, informa sobre *um iminente transporte de mísseis Scud-D da Síria para o Hezbollah no Líbano*. Numa mensagem de Outubro, escreve-se que *a Síria é outro dos clientes da Coreia do Norte, que abasteceu Damasco com mísseis Scud-C com alcance de 500 quilómetros e tecnologia para eles, assim como tecnologia para uma variante do Scud com 700 quilómetros de alcance, definido na Síria como Scud-D*". E que o Governo norte-coreano confere assistência ao Irão.

**Qatar.** Telegramas diplomáticos americanos divulgados pelo site WikiLeaks e publicados pelo jornal britânico *The Guardian*, explicam que o Qatar utiliza o canal de televisão *Al-Jazeera* como um *instrumento de pressão*. Apesar de o canal insistir na sua

independência editorial, parece ser *uma das ferramentas políticas e diplomáticas mais preciosas do Qatar*.

Um telegrama diplomático de Novembro de 2009 previa que o canal poderia ser utilizado *como um meio de pressão para melhorar as relações com outros países, em particular os que não apreciam as reportagens da Al-Jazeera, inclusive os EUA*.

Sobre o **Paquistão**, confere-se relevância à correspondência da então embaixadora norte-americana em Islamabad, Anne Patterson. A qual comunicou a Washington D.C. o seu desassossego sobre a segurança das armas nucleares do Paquistão. Em Fevereiro de 2009, explicava: *Os activos nucleares paquistaneses são controlados por um Exército laico (sem ligação com religiões), que adoptou medidas de salvaguarda extensas, explica. A nossa principal inquietude não é que um grupo islâmico possa utilizar uma bomba inteira, mas que um indivíduo a trabalhar nas instalações governamentais, transfira material físico suficiente para fabricar uma bomba*.

O presidente paquistanês Asif Ali Zardari teve uma reunião com Anne Patterson a 2 de Janeiro de 2009, logo após os ataques terroristas contra Mumbai, Índia (de 26 e 29 de Novembro de 2008, perpetrados por extremistas originários do Paquistão, processo que culminou com cerca de 166 mortos).

O documento publicado pelo WikiLeaks é datado de 9 de Janeiro de 2009. Ali Zardari revelou que não teria escolha a não ser uma *resposta militar* no caso de um ataque da Índia. Na conversa, Zardari declara que ele e o general Kayani (comandante do exército paquistanês) estavam *totalmente comprometidos* em construir melhores relações com a Índia.

Recorda-se que o Paquistão e Índia já se enfrentaram em três guerras (1947, 1965 e 1971) e que ambos possuem armas nucleares.

**Iémen.** Com base nos documentos americanos de 2009, publicados pelo site WikiLeaks e pelo jornal britânico *The Guardian*, o presidente do Iémen, Ali Abdullah Saleh, teria dito ao conselheiro de segurança de Barack Obama John Brennan, que oferecia secretamente aos EUA acesso livre ao seu território com vista a facilitar o combate aos terroristas da Al-Qaeda: *Eu abro as portas para vocês quanto ao terrorismo. Assim, não sou responsável*, teria dito.

Estes documentos provam que, ao contrário do que Saleh declarava em público, o Iémen precisava da ajuda dos EUA. E que uma ofensiva contra Al-Qaeda em Dezembro de 2009, na qual dezenas de jihadistas morreram junto a vários civis e que foi reivindicada pelo governo do Iémen foi, na verdade, realizada pelas forças americanas. O que, segundo se escreve, não teria sido acto isolado.

As correspondências da diplomacia americana revelam também que os EUA consideravam o Iémen uma das mais importantes frentes de batalha contra a Al-Qaeda mas também frágil na capacidade de combater o terrorismo.

**Arábia Saudita.** Nos textos publicados pelos jornais *The Guardian* e *The New York Times*, o embaixador saudita nos EUA, Adel al-Jubeir explicava que o rei Abdallah da Arábia Saudita apelou aos EUA para atacar o Irão e pôr fim ao programa nuclear

iraniano. Para o rei, combater a influência iraniana no Iraque é uma prioridade estratégica do seu governo e aconselhou os americanos a *cortar a cabeça da cobra* (à qual compara o Irão).

Por seu lado, o rei do Bahrein, Hamad ben Issa Al-Khalifa, quando recebeu o general David Petraeus (então comandante do Centcom – o comando militar americano para o Médio Oriente) a 1 de Novembro de 2009, insistia que o programa nuclear do Irão *devia ser parado. O perigo de os deixar continuar é superior ao de o parar.*

Com base na documentação diplomática agora revelada, percebe-se o grau de exposição e de embaraço que provocou **a divulgação de posições secretas de contra-poder** na região geopolítica do Médio Oriente onde, apenas publicamente, haveria uma frente unida.

Ou seja, os despachos revelaram a fragilidade e o medo de líderes árabes, dependentes da protecção dos EUA contra a influência iraniana no mundo árabe e a sua aparente capacidade nuclear. Tal pode provocar maior tensão com o Irão, país xiita que não mantém boas relações com a Arábia Saudita e o Egipto, dois pesos pesados na região de maioria muçulmana sunita. Enquanto o Irão corrobora com o grupo xiita libanês Hezbollah e o palestino Hamas, os sauditas apoiam grupos contrários.

**Egipto.** O actual ministro de Relações Exteriores do Egipto, Ahmad Abou Gheit, considera o Irão como *a maior ameaça à paz na região*. Mas o Egipto está numa situação menos constrangedora do que a Arábia Saudita, pois a sua população muçulmana é de maioria sunita.

Ainda assim, o Governo do Cairo teme que o Irão influencie grupos sunitas egípcios contrários que ameace o seu poder. O Egipto tem sido o peso-pesado no mundo árabe, e não quer perder sua posição na região. Os egípcios são apenas parte do bloco anti-Irão por lealdade diplomática à Arábia Saudita.

## **X. Lista de Interesses Estratégicos dos EUA no Estrangeiro**

A secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton enviou um documento secreto em Fevereiro de 2009, com uma lista de trezentos *interesses estratégicos considerados vitais*, cuja perda poderia ter *impacto negativo na segurança económica, na saúde pública ou na segurança nacional dos EUA*.

Hillary Clinton exige aos diplomatas dos EUA que actualizem a lista de espaços e de empresas que se *destruídos, perturbados ou explorados, podem ter efeito imediato e prejudicial para os EUA*. Instruções que, segundo a própria, não devem ser discutidas com os governos locais.

O nível de ameaça varia em função da *distância do alvo potencial para Washington D.C.* (capital dos EUA), pelo que existem alvos com ligação física e directa com o território norte-americano, alvos localizados no exterior, e outros que integram a cadeia de suprimentos.

A lista inclui instalações governamentais, monumentos nacionais e barragens, mas também superfícies agrícolas, fontes de energia, indústrias de defesa e de poder nuclear, saúde, comunicações e serviços de emergência, componentes de sistemas financeiros e de transporte.

A lista é encabeçada por uma fábrica de cobalto na República Democrática do Congo. Inclui fábricas britânicas envolvidas em projectos militares com os EUA, inclusive uma empresa de Edimburgo *considerada crucial na tecnologia de submarinos nucleares*. Na Grã-Bretanha cita-se o grupo BAE Systems, *número um mundial de armamento e de defesa*. Mas também fábricas na Austrália e na Dinamarca de *investigação médica e para produção de produtos vitais para milhões de pessoas, como é o caso da insulina*. No geral, atribui-se um enfoque grande sobre empresas farmacêuticas que produzem vacinas e medicamentos consumidos nos EUA e reservas de minerais raros.

A lista inclui detalhes sobre infra-estruturas de comunicações via satélite, gasodutos e oleodutos, como o que liga o Azerbaijão à Turquia. O Qatar, após 2012, passará a ser *a principal fonte de gás natural*. Na Arábia Saudita (em Abqaiq) localiza-se a maior instalação de processamento de crude do país, a qual a organização terrorista Al-Qaeda tentou atacar em 2006.

Na Alemanha, destaca-se a empresa BASF (em Ludwigshafen), descrita como *o maior complexo químico integrado do mundo*. A fábrica da Siemens em Erlangen (no sul da Alemanha), por seu lado, *assegura uma produção insubstituível de produtos químicos chave*.

A propósito da cidade de Nadym, a base no ártico do gigante russo Gazprom, um telegrama fala do *local de gás mais sensível do mundo*.

No que diz respeito a França, a lista cita os grupos farmacêuticos Sanofi-Aventis, EMD Pharms, GlaxoSmithKline, Genzyme Polyclonals e o Sanofi Pasteur que produz, vacinas contra a raiva.

Os pontos de chegada de cabos de telecomunicações transatlânticas de Apollo e FA-1 (oeste de França) e TAT-14 (nordeste) são também considerados *infra-estruturas vitais*.

Na Suíça, o tema são os grupos farmacêuticos Hoffmann-La Roche (que produzem o Tamiflu), Berna Biotech (fabricam vacinas) e o CSL Behring. Na Bélgica aparece a Baxter SA e a GlaxoSmithKline.

Outros exemplos referidos: o porto de Ningbo (no sudeste da China, o quinto maior do mundo por tonelagem de carga); um gasoduto na Sibéria (considerado *o mais sensível do mundo*); a hidrelétrica Hydro Quebec (no Canadá, *uma fonte de energia insubstituível* para o nordeste dos EUA); os cabos submarinos de telecomunicações Americas-2 e GlobeNet (em Fortaleza e no Rio de Janeiro, Brasil); a mina de manganês e minério de ferro de Rio Tinto e a mina de nióbio (em Araxá, que concentra 75% da produção mundial - e em Catalão – GO, igualmente no Brasil).

A divulgação de uma lista deste tipo pode ser perigosa, porque os locais referidos tornam-se alvo imediato de potenciais redes terroristas, de crime organizado, pelo que a sua segurança, se não era prioritária, passou a ser.

## **XI. Organização das Nações Unidas**

Segundo dados divulgados pelo WikiLeaks, a Secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, ordenou aos funcionários do Departamento de Estado para recolherem informações muito pormenorizadas sobre muitos agentes da ONU.

A CIA possuía uma lista com nomes a serem investigados, com especial atenção ao secretário-geral da organização, Ban Ki-moon, mas também funcionários sobretudo da China e do Irão. A codumentação refere igualmente a Humint (*Human Intelligence*), um ramo dos serviços secretos criado por George W. Bush em 2005, com o objectivo de coordenar os esforços de investigações secretas no período após o ataque terrorista de 2001.

Resultado, quando a informação veio a lume, os agentes da ONU classificaram a atitude como uma violação da lei internacional, já que a missão dos diplomatas americanos incluiu a utilização de meios ilegais, tais como pôr escutas nos computadores e telefones de vários altos-funcionários da organização, para recolha de palavras-passe e de números de cartões de crédito incluindo o do próprio Ban Ki-Moon.

A ONU já informou que espionar o secretário-geral é ilícito, recorrendo para tal à convenção de 1946, sobre privilégios e imunidades, no qual se lê que: *as premissas das ONU são invioláveis. A propriedade da ONU, seja onde estiveram, seja a quem pertençam, são imunes a buscas, requisições confiscos, expropriação e a qualquer outra forma de interferência por acção executiva, judicial, legislativa ou administrativa.*

## **XII. Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)**

O WikiLeaks e o jornal britânico *The Guardian* revelaram um documento de Janeiro de 2010, assinado pela Secretária de Estado dos EUA Hillary Clinton, em que a própria declarava que os países da OTAN tinham concordado em ampliar o *plano de contingência* para a Polónia, que respondia pelo nome de código *Águia Guardiã*, de forma a incluir também a Estónia, Lituânia e Letónia, depois de estes terem pedido uma *protecção suplementar* face a Moscovo, depois da guerra entre Geórgia e Rússia no Verão de 2008.

Segundo o *The Guardian*, que cita informação obtida pelo jornal polaco *Gazeta Wyborcza*, nove divisões militares foram adstritas ao plano de defesa, oriundas dos EUA, do Reino Unido, da Alemanha e da Polónia.

Os textos indicam expressamente que os planos não deveriam ser discutidos publicamente, para evitar aumentar tensões entre a Rússia e a OTAN, numa altura em que Washington visava uma aproximação a Moscovo em questões diplomáticas globais, tais como as do polémico programa nuclear iraniano e a subsequente aprovação de reforçadas sanções contra o regime de Teerão.

**Um realista diria que é uma questão de (obter ou manter o) poder.  
E, portanto, tudo é Geopolítica.**